

EDITORIAL

Num ano em que o pensamento de Nietzsche tem sido objeto de amplos e profundos debates no Brasil e no exterior, em que o nosso filósofo reafirma seu lugar na cena filosófica e mostra toda a sua proficuidade como uma linguagem para pensarmos nosso tempo, a revista *Estudos Nietzsche* apresenta um conjunto de estudos acerca do seu pensamento e um estudo sobre as recentes pesquisas sobre esse pensamento, revelando a riqueza e variedade de material produzido no país sobre Nietzsche.

Nesses termos, levamos a público, com este número da *Estudos Nietzsche*, um conjunto de seis artigos e duas resenhas. O primeiro artigo, de Adilson Feiler, intitulado “Nietzsche e o niilismo. Uma experiência possível?”, reconstrói o tema do niilismo em Nietzsche a partir da pergunta pela possibilidade de experimentá-lo hoje, ou seja, de aceitar o desafio proposto pelo filósofo de se colocar diante daquele estranho hóspede da cultura sem, contudo, se deixar arrastar pela inatividade psicológica. O segundo, de Bárbara Ramacciotti, intitulado “Nietzsche e a fisiopsicologia da vontade de potência: Perspectivismo, Genealogia e Morfologia”, faz uma análise das teses de Foucault – sobre o papel da genealogia no pensamento de Nietzsche – e de Müller-Lauter – sobre o papel do perspectivismo, no mesmo sentido – com o propósito de introduzir uma hipótese segundo a qual, ao lado da ideia de genealogia e de perspectivismo, a fisiologia exerceria um papel central nos escritos do filósofo, em especial para a sua teoria da interpretação. O terceiro, de Márcio Benchimol Barros, intitulado “Entre dois Nietzsches: Ruptura e continuidade em *Humano, demasiado humano I*, sob o prisma do problema da cultura”, apresenta uma interpretação das noções de história e progresso a partir do problema da cultura. No artigo ganha relevo tanto o paralelismo entre ontogênese e filogênese do pensar racional e científico, que se desenha no texto nietzschiano em foco, quanto uma correlação, pelo tema da cultura, desse texto com o livro anterior do filósofo, *O nascimento da tragédia*. O quarto, de Victor Campos Silva, intitulado “Algumas das primeiras influências metodológicas de Nietzsche: Entre Schulpforta e a polêmica da *Sprach/Sachphilologie*”, estabelece uma ligação entre as primeiras influências metodológicas de Nietzsche, observando sua formação intelectual, e sua crítica tardia, que se mostra em especial no seu procedimento genealógico. O quinto, de José Fernandes Weber, intitulado “Mundo enquanto fenômeno estético ou problema moral? A filosofia trágica do jovem Nietzsche”, tem por objetivo mostrar que a interpretação moral de mundo não é um privilégio dos escritos de Nietzsche posteriores a *Humano, demasiado*

humano, mas já se afigura nos primeiros escritos do filósofo que não seriam, ademais, apenas a expressão primeira e vacilante de um pensamento que teria sua expressão “madura” apenas nas obras posteriores do filósofo. O sexto, de Fernando de Sá Moreira, intitulado “A Pesquisa Nietzsche no Brasil: análise quantitativa de teses e dissertações entre 2010 e 2018”, constitui justamente aquele olhar estatístico sobre as pesquisas realizadas no país sobre o pensamento de Nietzsche. Um trabalho importante para se dimensionar o papel que o filósofo exerce, pouco a pouco, na formação de uma identidade filosófica que se encontra em crisálida entre nós. As duas resenhas são, uma de Oswaldo Giacoia Junior sobre o livro de Paul van Tongeren, intitulado *Friedrich Nietzsche and European Nihilism*, e a outra de Paulo Sabino sobre o livro de Paolo Stellino, intitulado *Nietzsche and Dostoevsky: On the Verge of Nihilism*.

À volumosa comunidade filosófica nacional interessada no pensamento de Nietzsche oferecemos este número da Estudos e desejamos uma boa leitura.

Curitiba, outubro de 2018.

Edmilson Paschoal